

Dos Flávios a D. Mafalda
Passo a passo...



Quantas vezes pisamos distraidamente um pedaço de terra, desconhecendo que, sob os nossos pés, por vezes cansados, se esconde uma história, um passado, do qual só nos apercebemos quando alguém o “põe à vista” e nos explica que cada pedra, cada muro e cada estrada antiga é, nada mais nada menos, que um fio condutor que nos liga ao passado.

Quantas vezes ouvimos histórias de mouras encantadas, de potes de libras, pedras com desenhos ou pinturas, de túneis que nos levam a lugares maravilhosos e desdenhamos essas informações por serem fantasiosas ou por pecarem por falta de ciência.

No entanto, tais lendas e tradições que passam de boca em boca, dos mais velhos para os mais novos, podem ser pistas, recados, que nos deixaram os antepassados, outras gentes, que habitaram aquele lugar, aquela terra, e que nos pedem que os sigamos e tomemos conhecimento do que foram as suas vidas.

E é assim que a nossa história começa...com as marcas deixadas na paisagem, com as palavras nem sempre escritas, mas cantadas ou contadas, assinalando o lugar com uma mensagem que também nós, um dia, deixaremos: passámos por aqui.

Que as nossas sandálias poeirentas nunca se cansem de percorrer esses caminhos!

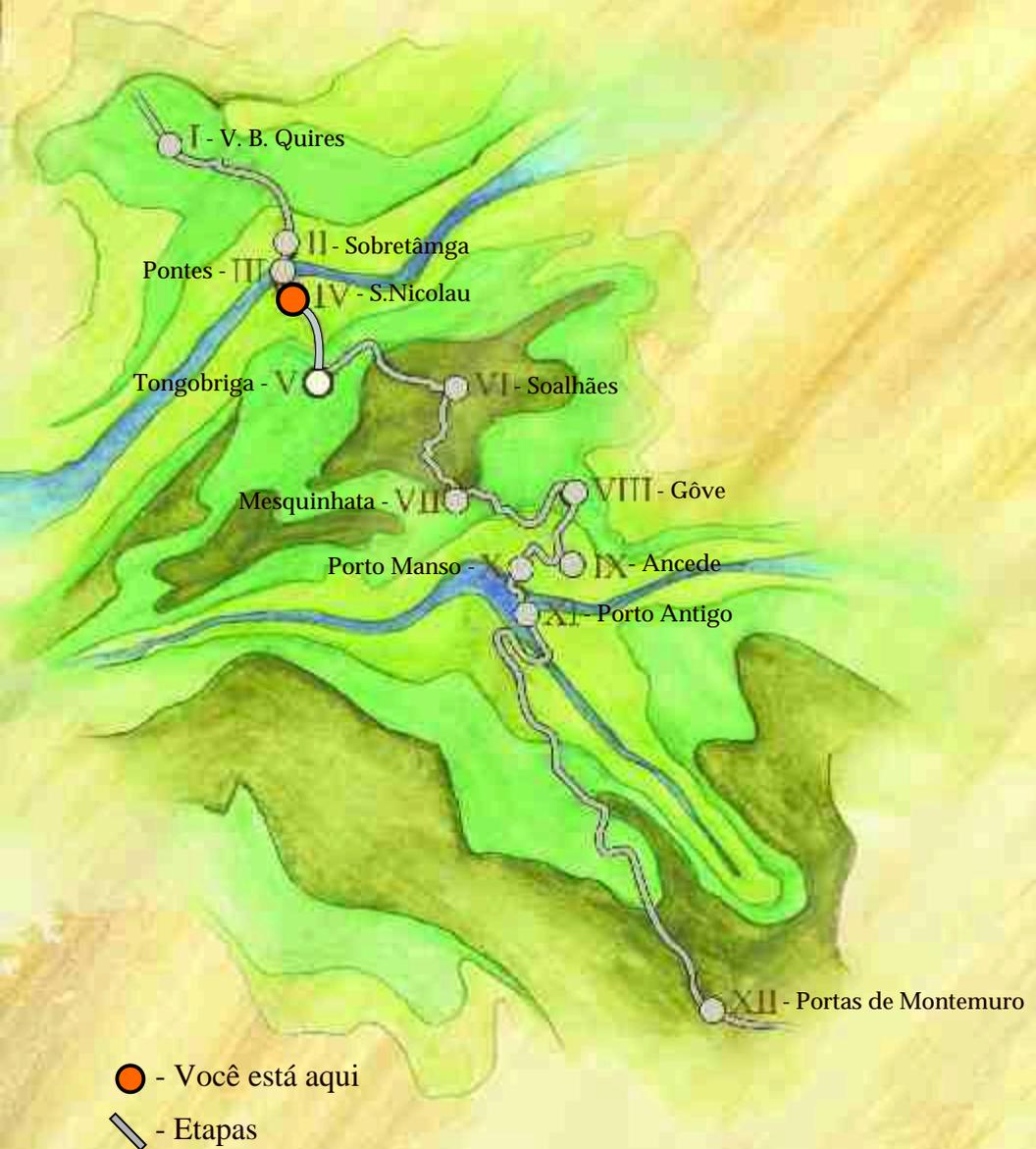
Por isso lhe propomos que pegue nas suas sandálias/ténis, numa garrafa de água, escolha um boné, talvez aquele de que mais gosta e que guarda para ocasiões especiais, na sua máquina fotográfica e que venha connosco.

Venha ouvir as histórias que temos para lhe contar, no lugar onde elas aconteceram. Como viviam os romanos na cidade de Tongobriga e as marcas por eles deixadas na actual aldeia histórica do Freixo (Marco de Canaveses), a continuidade de ocupação neste e em outros locais. E tudo isto porque, há mais de dois mil anos, a necessidade fez romper um caminho por entre a paisagem, marcando-a para sempre e de tal forma que continuou a ser utilizado até hoje.

Aqui pode sentir-se o cheiro dos campos, das flores...o som da água que corre e o canto dos pássaros; ver paisagens únicas e terminar o dia experimentando um pouco de tudo... da paz e dos sabores de outros e destes tempos.

Dê o primeiro passo... venha viajar no tempo!

Itinerário Romano / Medieval



O ITINERÁRIO ROMANO/MEDIEVAL

A construção das grandes vias de comunicação romanas foi, sem dúvida, o início de uma nova era que marcou todo o território que corresponde ao nosso país actual deixando sinais bem visíveis de norte a sul.

No passado foram cruciais para as movimentações militares romanas e serviram muito eficazmente para o escoamento de minério e produtos agrícolas. O resultado obtido foi o domínio, de maneira muito inteligente, de toda uma região, ligando as províncias, as cidades e o campo e, ao mesmo tempo, mostrando o poder de um Império Unificado.

Existe um enorme conjunto de vias romanas que se dividiam conforme a sua importância:

- As Vias Publicae- as principais
- As Vias Vicinales- as secundárias que se ligavam às principais
- As Vias Privatae ou Agrari- os caminhos privados ou agrícolas

É exactamente dentro deste conjunto que se insere o nosso itinerário: uma via principal que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Emerita Augusta* (Mérida- Espanha) que passava pela Civitas (Cidade) de Tongobriga, mostrando a importância que esta cidade teria tanto a nível político como administrativo e económico. Essa importância atingiu o auge no Séc. II d. C., como demonstram os vestígios arqueológicos e todos os estudos efectuados pelos Arqueólogos desde 1980 (ver bibliografia anexa para saber mais).

TROÇO DE ESTRADA de S. Nicolau a Tongobriga

S. Nicolau (No mapa do nosso itinerário corresponde ao nº IV)

Este troço de estrada integra um traçado mais vasto a concretizar num futuro próximo.

Esta etapa inicia-se junto à Igreja de S. Nicolau, localizada junto ao rio Tâmega.

No período romano e continuamente até ao período Medieval, ambas as margens do rio Tâmega encontravam-se ligadas por uma ponte. Sobre a primeira, pouco se sabe, a não ser que para a construção da ponte Medieval (a segunda ponte) ter-se-á aproveitado alguma da pedra almofadada e que as aduelas do primeiro arco, tanto da margem esquerda como da margem direita, se encontravam sobrepostas às aduelas de outro arco e que o pegão medieval terá sido construído por cima da mesma estrutura romana e subido em altura, pois a ponte romana seria mais baixa assim como o nível da água (Monteiro, 1948).

A ordem para a construção da ponte medieval terá partido da rainha D. Mafalda que também terá mandado construir as igrejas de S. Nicolau (margem esquerda) e de Sobretâmega (na margem direita).

Parte da ponte medieval terá sido destruída em 1809 aquando da segunda Invasão francesa. Mas sobre este assunto, falaremos mais à frente.



Igreja de S. Nicolau

Tendo como base o itinerário Romano /Medieval, deve aproveitar para fazer uma visita ao interior da Igreja de S. Nicolau, de estilo românico, de traça muito simples e de uma só nave, com capela – mor rectangular.

A frontaria, virada para a estrada romana/medieval, é rematada por uma torre sineira. O pórtico principal é de arco quebrado não apresentando qualquer motivo decorativo. A sua construção é atribuída ao séc. XIII.

Ao entrar, deparamo-nos com a existência de algumas pinturas a fresco de que, até 1974, se ignoravam a existência.

Assim, quando se procedeu à remoção dos altares laterais, foram colocados à vista diversos frescos, alguns deles sobrepostos e de diversas épocas, sendo a maior parte atribuíveis ao séc. XVI.

Na parede do lado direito, antes do altar-mor, o túmulo de Álvaro Pessoa de Carvalho (Administrador da Albergaria) que apresenta a data de 1565. Mais à frente, está visível um fresco representando Sta. Catarina de Alexandria, padroeira dos estudantes, dos filósofos e das mulheres solteiras. Na mão direita segura o livro da sabedoria e tem à esquerda, a roda do suplício.

À esquerda da figura da santa, é visível um membro do clero (possivelmente S. Bento). Por trás deste, são visíveis, apenas, alguns traços de outra personagem que poderá tratar-se de S. Bernardo.

Por baixo desta imagem, consta a seguinte inscrição:

“Devoção de M^a Ribeiro e de Gonçalo Madeira”, que viveram na Casa do Prado.

Na parede do lado esquerdo, antes do altar-mor existe mais um conjunto de frescos sobrepostos, um deles apresenta uma inscrição já em muito mau estado de conservação.

Outra imagem representa o anjo Gabriel.

Em 1977, um grupo pertencente ao departamento de Pintura Mural do Instituto José de Figueiredo, procedeu ao início de um tratamento de Consolidação e Conservação de algumas destas pinturas, tratamento esse que nunca foi concluído.

A talha do altar-mor é de estilo Barroco nacional, onde estão representadas várias folhas de videira com anjos brincando.

Esta igreja e a de Sta Maria de Sobretâmega integram um conjunto classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto nº516/71 de 22 de Novembro 1971.



Capela de S. Lázaro

Existe a possibilidade desta capela ter pertencido a um Hospital de Leprosos ou Gafaria (local destinado ao internamento de leprosos ou gafos e que já existiam no Império Romano do Oriente sob a designação de Lobotrophia), do qual se desconhece a localização.

Segundo Manuel de Vasconcelos, esta capela encontrava-se junto de duas casas, uma

das quais terá sido destruída pela Estrada Distrital (VASCONCELOS,1935).

Trata-se de uma pequena capela precedida de uma galilé. Esta, juntamente com o cruzeiro do Senhor da Boa Passagem, terão sido deslocados do seu lugar original (junto à ponte medieval), devido à subida da cota da água aquando da construção da Barragem do Torrão em 1988.

Actualmente, esta capela encontra-se à direita da igreja de S. Nicolau.

A capela foi classificada como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto nº516/71 de 22 de Novembro de 1971.



Cruzeiro do Senhor da Boa Passagem

Este cruzeiro localizava-se quase no fim da ponte medieval (lado de S. Nicolau), do lado direito, antes da Capela de S. Lázaro e da Igreja.

Foi removida ao mesmo tempo que a capela e, actualmente, encontra-se completamente fora do seu contexto original, localizando-se depois da Igreja de S. Nicolau, no início da subida da antiga estrada

Romano/medieval.

Muitas são as histórias ou lendas em torno deste cruzeiro contadas por António Monteiro (MONTEIRO,1948), mas o mais importante é salientar uma tradição por ele descrita: “ sempre que alguém ia viajar para África ou Brasil, durante os dias da viagem, a família mantinha uma lamparina de azeite acesa no santuário, para que o viajante tivesse uma boa passagem sobre o mar”. Pensa-se que esta tradição será muito mais antiga e estará relacionada com um culto romano.

Este cruzeiro foi classificada como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto nº516/71 de 22 de Novembro de 1971.

Começa então a subida a pé, rumando em direcção à Albergaria de D. Mafalda e Capela do Espírito Santo.



Albergaria de D. Mafalda e Capela do Espírito Santo

As albergarias foram originalmente criadas para prestar assistência aos peregrinos e outros viajantes. Desenvolveram-se com as peregrinações a Santiago de Compostela. Algumas, limitavam-se a fornecer uma refeição simbólica à entrada. Muitas delas localizavam-se junto a mosteiros, igrejas, povoações e de estradas importantes, ou em locais relacionados com o caminho de Santiago. Atribui-se às primeiras rainhas a fundação de diversas albergarias. As mais importantes situavam-se ao longo de antigas estradas romanas.

Na rua de S. Nicolau, toda a gente conhece a casa da albergaria da Rainha, mas muito pouco se sabe sobre a verdadeira história deste edifício.

Também persiste uma dúvida sobre que rainha Mafalda se trata. Se da esposa de D. Afonso Henriques ou se da neta (que terá casado com o rei Henrique I de Castela, (tendo sido dissolvido o casamento, um ano depois). A neta de D. Afonso Henriques terá recebido o nome da sua avó (Mafalda de Sabóia).

A albergaria (ou o que resta dela) consiste num conjunto de edifícios térreos, virados para a estrada Romana/medieval, mas que até aos dias de hoje sofreram grandes modificações que lhe alteraram a traça original.

Segundo a tradição e a interpretação de vários investigadores, foi mandada construir por D. Mafalda uma albergaria junto à capela do Espírito Santo (VASCONCELOS,1935) de que ainda permanece uma pequena casa térrea já alterada (hoje é uma adega). No interior desta estrutura é detectável uma janela aberta para o interior da capela, ou seja, quem estivesse no interior do edifício, a actual adega, ouvia perfeitamente as missas ditas na capela sem ter de se deslocar.

Sem ser possível precisar quando, essa janela terá sido tapada com cimento (talvez na altura da sua adaptação para adega, na qual é visível uma padeira em xisto).

Junto à adega, existe um conjunto de pequenos compartimentos, pouco espaçosos, mas, que no seu total, dariam para albergar talvez nove ou um número um pouco maior de peregrinos. Estes edifícios encontravam-se geminados, mas dois deles foram partidos para fazer passar um caminho para o interior da propriedade. Actualmente, seis desses compartimentos são lojas de animais.

Alguns documentos referem que no interior desses compartimentos existiria “uma cama tosca” e que, em 1935, o local se encontrava em total ruína, que a capela teria sido restaurada e um pouco modernizada e que a velha albergaria estava convertida em estábulo de gado e depósito de forragens.

Segundo o testamento deixado por D. Mafalda (Tombo do Hospital de Canaveses, fls.9/Tombo da Gafaria de S. Lázaro, fls.77v – Torre do Tombo), era obrigação da albergaria recolher até nove peregrinos, dar-lhes rações à entrada e saída, água, lume e sal quanto quisessem. Caso algum dos peregrinos falecesse durante a sua estadia, devia ser enterrado, ditas três missas e utilizado pano e cera.

Para que tal pudesse acontecer, D. Mafalda precaveu todas estas situações, criando rendas próprias tais como: os foros e rendas das freguesias de S. Pedro e Sta. Marinha de Fornos, Sta. Maria de Sobretâmega, as azenhas do rio Paço, os fornos de cozer pão, as portagens da ponte de Canaveses, o rendimento de duas herdades junto da albergaria.

Manuel Vasconcelos escreve que um dos tombos da relação se encontrava na posse da Família Lencastre, mas, após algumas diligências feitas por nós junto do Sr. José de Lencastre, o actual proprietário informou-nos não ter qualquer conhecimento da existência de tal relação.

Outro autor, Padre Vieira Aguiar (AGUIAR,1947:77) fala-nos de uma casa/torre junto à albergaria e de uma grande janela de sacada da qual, segundo a tradição, D. Mafalda terá assistido a alguns dos trabalhos da construção da ponte por ela mandada fazer.



Pelourinho de Canaveses e antigo edifício da Câmara Municipal
Um pouco mais acima da Albergaria, do lado esquerdo de quem sobe vindo do rio, não pode passar despercebido o antigo pelourinho de

Canaveses datado do séc. XVII. Foi classificada como Monumento Nacional pelo Decreto de 16 de Junho de 1910.

Por trás, é visível o que resta da antiga câmara Municipal (extinta no séc. XIX) onde foram tomadas decisões importantes para a vila. Uma delas, relacionada com a 2ª invasão Francesa feita sob o comando do General Soult. O acontecimento deu-se em 1809. Na altura, ficou decidido que ficava à responsabilidade do capitão-mor de Canaveses, Tuíás e Soalhães, António de Serpa Pinto, Capitão-Mor da Vila de Canaveses, organizar a resistência contra os franceses.

A ponte foi cortada e parte dela demolida para “obstar à passagem, que por ela queria fazer, o comum inimigo da nação que vinha invadi-la”. Segundo as actas das sessões da Câmara de Canaveses do dia 18 de Abril de 1809 foi “.....decidido na Casa da Ordem, freguesia de San Nicolau, desta vila de Canaveses, estando presentes, juiz e vereadores e procurador e o capitão António Serpa Pinto, para a eleição dos barqueiros para a passagem pública do rio Tâmega nesta vila, por terem mandado demolir parte da ponte para obstar a passagem do inimigo”, (MONTEIRO,1948).



Um pouco mais acima, nesta rua, fica apenas a referência que, na propriedade conhecida por “ Casa do Plátano nº 1055”, em 1946, ao retirar uma antiga ameixeira, o proprietário encontrou uma ara votiva romana com a seguinte inscrição:

“MA(tri) DIIV/M. ALB/VIA PA/TIIRNA / VO(tum) .SO(lvit)”
À Mãe dos deuses. Albuia Paterna cumpriu o voto.

É um dos poucos exemplos de uma indígena romanizada que presta culto a Cibele.

Foi citada por Alain Tranoy (La Galice Romaine, Paris, 1981, p. 334) e vem igualmente no L'Année Épigraphique (AE1951 276).

Esta peça encontra-se actualmente depositada no Museu Municipal Carmen Miranda.



TONGOBRIGA - Freixo (No mapa do nosso itinerário corresponde ao nº V).

A viagem segue recorrendo à utilização de automóvel até Tongobriga (cidade romana localizada na actual Aldeia do Freixo).

Os trabalhos arqueológicos neste local iniciaram-se em Agosto de 1980, num sítio conhecido por “Capela dos Mouros” onde mais tarde foram identificadas as estruturas do Edifício termal romano localizado na zona do Forum.

Ao longo de 27 anos de investigação científica que incluiu o estudo do espólio arqueológico, inventariação, conservação e restauro, escavações, com o apoio, desde 1990, da Escola Profissional de Arqueologia, vários sectores desta importante cidade

romana têm sido desvendados.

Foram postos a descoberto a zona do Forum (parte comercial, administrativa, religiosa e de lazer), parte de zona habitacional, onde, até ao momento, foram escavadas cerca de quatro grandes “Domus” (casa romana composta por várias divisões, podendo ter mais do que um piso), a zona da Necrópole (cemitério) romana mais tardia, localizada fora da cidade (extra-muros), outras zonas habitacionais (que ainda se encontram em escavação), a basílica Paleocristã, onde foi identificado um painel de mosaico policromo que revestia praticamente todo o edifício, em parte localizado por baixo da actual Igreja de Sta. Maria de Freixo, alargando-se a toda a área do adro (isto apenas o que foi possível identificar).

Esta cidade que atinge o seu auge durante o séc. II d. C. , situava-se junto da via principal romana que a partir do séc. I d. C. ligava as cidades de Bracara Augusta (Braga) a Emerita Augusta (Mérida-Espanha).

No futuro, a Estação Arqueológica de Freixo conta inaugurar o Núcleo Museológico sobre “A Vida Quotidiana” num edifício localizado junto à zona Habitacional, onde ficará exposto ao público o espólio arqueológico mais significativo encontrado ao longo 27 anos de exploração.

BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, Joaquim Roque (1985) *Património Etnográfico afectado pela Barragem do Torrão*, IPPC, Lisboa;
- AGUIAR, Padre M. Vieira de (1947) *Descrição Histórica, Corográfica e folclórica de Marco de Canaveses*, Porto;
- ALMEIDA, A.F. (1993) “Os equilíbrios sociais do poder: as Misericórdias” in *História de Portugal* (Dir. José Mattoso), Vol. III, *Círculo dos Leitores*, p. 185-193;
- CAPELA, M. (1895) *Miliários do Conventus Bracaraugustus em Portugal*, Porto, p.247;
- CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra (1992) *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano se 1726*, Vol.I, Ponte De Lima, p. 365-376;
- D'ENCARNAÇÃO, José (1987) *Introdução ao estudo da Epigrafia Latina*, Coimbra;
- DIAS, Lino Tavares (1997) *Tongobriga*, IPPAR, Lisboa;
- DIAS, Lino Tavares (2003) *Tongobriga. Breves Reflexões*, IPPAR, Lisboa;
- FERREIRA, F.A.G. (1990) *História da saúde e dos serviços de saúde em Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 65;
- MONTEIRO, A. Pereira Monteiro (1960) *A Tamagani*, separata das Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos, Vol. II, Porto;
- MONTEIRO, António (1948) *As pontes de Canaveses*, separata do Boletim Douro - Litoral, (nº2/3ª série), Porto;
- MONTEIRO, António (1967) *Canaveses*, separata de “O Marcoense”, Marco de Canaveses;
- TRANOY, Alain (1981) *La Galice Romaine*, Paris, p. 334;
- PINA, L. de (1991) “Gafarias” in *Dicionário de História de Portugal*, (Dir. J. Serrão) vol.III, Porto, p.91-93;
- VASCONCELOS, Manuel (1914) “Apontamentos arqueológicos do Concelho de Marco de Canaveses”, in *O Archeólogo Português*, vol.XIX, Lisboa, p 12-29;
- VASCONCELOS, Manuel (1935) *A vila de Canaveses – notas para a sua História*, Imprensa Nacional de Lisboa, Lisboa;
- VASCONCELOS, J. Leite (1905) *Religiões da Lusitânia*, Vol.II, p.197;
- VIEIRA, José Augusto (1886) *Minho Pittoresco*, Vol. II, Lisboa, p.475-507;



DOS FLÁVIOS A D. MAFALDA

CONTACTOS:

Tef. 931620203

E-mail: flavios_a_mafalda@hotmail.com

PARCEIROS



CO-FINANCIADO



Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas



Ficha Técnica:

Design: Pedro Mendes | Textos: Susana Bailarim | Impressão: PubliGraff | Fotografia: Susana Bailarim | Entidade: C.M.M.C. | Tradução: Clifton College